

Dinamarquês

Inglês

Francês

Italiano

Português

CSJOURNAL

Congregação das Irmãs de São José de Chambéry

Julho - Agosto • Ano 2026 - n. 4



CONSELHO GERAL

MAGNIFICA HUMANITAS: IA SERVE À HUMANIDADE, NÃO AO PODER DE ALGUNS POUCOS

Ir^a Maria Cristina Gavazzi, CSJ

Conselho Geral



“**A** Magnífica Humanidade” criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erguer uma nova torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos”. O início da primeira encíclica de Leão XIV – Magnifica Humanitas sobre a custódia da pessoa humana na era da inteligência artificial

(IA), reassume as razões e seus propósitos subjacentes.

Fazemos algumas reflexões preliminares sobre a “Magnifica Humanitas”, a encíclica do Papa Leão XIV sobre o cuidado da pessoa humana na era da inteligência artificial (IA), que foi publicada no Vaticano, em 25 de maio de 2026.

Primeiramente, a IA foi uma preocupação do Santo

SUMÁRIO

GONSELHO GERAL

Magnifica Humanitas: IA serve à humanidade, não ao poder de alguns poucos

CAPA

J P I C

Nagpur: As Muitas Faces da Pobreza na América

3

C I F

Itália: Nossa província italiana diz “Parem Robôs Assassinos”!

5

Novas Santas

6

C I C

Tanmaya: Filtrando Nossas Palavras em um Mundo Barulhento

7

PROVÍNCIA/REGIÃO/MISSÃO

Brasil: Comunicação como missão evangelizadora

9

Brasil: Liderança Servidora: um caminho de cuidado, consciência e transformação

11

Pachmarhi: Cockroach Janata Party: Movimento Viral da Juventude da Índia

13

Pachmarhi: Em comunhão com os Baratas

15

Padre desde o início do seu pontificado, mencionada mais vezes em seus discursos, homilias e catequese. O Papa Leão constituiu também a Comissão Interdicasterial sobre a Inteligência Artificial, uma nova comissão pontifícia interligada a diversos dicastérios, para enfrentar este tema; e falou sobre isto em seu recente discurso para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.

A apresentação pessoal do documento por parte do Santo Padre em 25 de maio, na Aula Paulo VI (onde se reuniu o Sínodo), é um fato um tanto quanto insólito. Isso demonstrou o profundo interesse pessoal do Santo Padre pelo assunto e o desejo de assegurar-se que a Mídia compreendesse seu pleno significado.

Leão XIV alerta para o “paradigma tecnocrático”, já denunciado por Francisco e pelo qual cada escolha vem ditada exclusivamente pelos parâmetros da eficiência e do proveito. Ao contrário, a tecnologia mais potente não é, necessariamente, a melhor: a IA pode imitar e simular o ser humano, mas não possui consciência moral, empatia, capacidade afetiva, relacional e espiritual. Portanto, é necessário abordar a IA de forma sóbria e vigilante, mantendo clareza sobre as responsabilidades de todas estas etapas e focando em políticas e estruturas legais adequadas, na supervisão independente e na educação dos usuários. Sobretudo há



necessidade de um código de ética submetido a critérios de justiça social partilhada.

O Vaticano, há anos, fornece indicações sobre este tema, seja de maneira formal ou informal, àqueles que atuam neste campo e conta com um número surpreendente de experts ao seu redor (teólogos, técnicos).

A encíclica foi assinada (e, portanto, formalmente datada) no 135º aniversário da “Rerum Novarum”, a encíclica revolucionária do Papa Leão XIII sobre o trabalho, os direitos dos trabalhadores, os sindicatos e muitas outras questões sociais que gestaram as bases para o moderno movimento da justiça social na Igreja. Muitos pensam que o Cardeal Robert Francis Prevost tenha escolhido o nome de “Leão” no momento de sua eleição para papa (a sua primeira decisão após ter aceito a função), como homenagem

a esse grande defensor da justiça social e dos direitos dos trabalhadores.

Enfim, como a “Laudato Si”, que redefiniu a questão das mudanças climáticas, não apenas como uma problemática científica e social, mas também espiritual, a Magnífica Humanitas fará o mesmo para a inteligência artificial, ajudando a Igreja e o mundo a considerar este tema urgente, a partir de uma perspectiva espiritual e, como a Laudato Si, de modo sistemático. Diante da IA a verdadeira alternativa não está entre o entusiasmo e o medo, mas entre dois modos de construir o progresso: a serviço da pessoa e dos povos ou da lógica do poder. Uma escolha que interpela a todos: a construção de Babel ou a de Jerusalém, as duas “cidades” do homem e de Deus indicadas também por Santo Agostinho, inicia em cada um de nós.

AS MUITAS FACES DA POBREZA NA AMÉRICA

Ir^a Justina Mathew, CSJ

Nagpur/Índia



Sempre que a palavra “pobreza” é mencionada, nossos pensamentos se voltam naturalmente para aqueles que não têm comida, abrigo ou segurança financeira. No entanto, durante meus anos de serviço missionário nos Estados Unidos, compreendi que a pobreza tem muitas faces. Algumas pessoas vivem em belas casas, mas sofrem de solidão. Outras desfrutam de carreiras bem-sucedidas, mas enfrentam ansiedade, depressão, relacionamentos desfeitos ou a perda de propósito. Muitos são pobres de esperança, de fé, de confiança ou da simples certeza de que alguém realmente se importa com eles.

Desde que iniciei minha missão nos Estados Unidos,



em 2010, tive o privilégio de servir pessoas de diversas culturas e origens. Como religiosa católica e enfermeira, encontrei indivíduos cuja

necessidade mais profunda não era assistência financeira, mas sim um acompanhamento compassivo. Eles precisavam de alguém que os ouvisse sem



juulgamentos, que os encorajasse quando duvidassem de si mesmos e que os lembrasse de que todo ser humano possui uma dignidade concedida por Deus.

Um dos aspectos mais gratificantes do meu ministério tem sido caminhar ao lado de mulheres que buscavam reconstruir suas vidas. Algumas eram imigrantes recém-chegadas, adaptando-se a um país desconhecido. Outras haviam perdido a autoconfiança após experiências de vida difíceis. Juntas, trabalhamos em objetivos práticos, como aprender a dirigir, elaborar currículos, explorar carreiras e desenvolver a confiança para viver com autonomia. Ver essas mulheres florescer tem sido uma das maiores bênçãos da minha vocação. O sucesso delas me lembrou que a verdadeira

caridade não consiste apenas em dar algo às pessoas, mas em capacitá-las a descobrir os dons que Deus já colocou nelas.

O Evangelho nos chama continuamente a ampliar nossa compreensão sobre os pobres. Cristo está presente não apenas naqueles que carecem de recursos materiais, mas também naqueles que têm fome de amor, aceitação, sabedoria, amizade, cura emocional, direção espiritual e esperança. Às vezes, o maior ato de misericórdia é oferecer nosso tempo, nossa presença, nosso conhecimento e nossa disposição para acompanhar outra pessoa nas lutas da vida.

Em um mundo que frequentemente mede o sucesso pela riqueza e pelas conquistas, Cristo nos convida a medir nossas vidas pela

compaixão. Cada palavra gentil, cada gesto de encorajamento, cada lição compartilhada, cada oração feita e cada pessoa fortalecida torna-se um reflexo do amor de Deus. A verdadeira riqueza não reside no que possuímos, mas nas vidas que tocamos. Ao restaurarmos a esperança de outra pessoa, tornamo-nos instrumentos da misericórdia de Deus e testemunhas vivas do Evangelho.

Minha jornada missionária me ensinou que a pessoa mais pobre é, muitas vezes, aquela que se sente esquecida. Que tenhamos a coragem de ver além das aparências, de reconhecer Cristo em cada pessoa que encontramos e de responder com corações cheios de fé, compaixão e amor.

NOSSA PROVÍNCIA ITALIANA DIZ “PAREM ROBÔS ASSASSINOS”!

Ir^a Mariaelena Aceti, CSJ

Itália



A província da Itália aderiu ao Investor Statement da coalizão internacional Stop Killer Robots, unindo-se a organizações de inspiração religiosa e missionária

vinculadas ao Centro Inter-religioso Italiano para o Diálogo com Empresas. Com esse compromisso, a província dá voz a uma convicção profundamente enraizada no carisma de São

José: todo ser humano possui uma dignidade inalienável que nenhuma tecnologia pode medir ou condenar.

Os assim chamados killer robots — tecnicamente sistemas de armas autônomos



(AWS) — são dispositivos militares capazes de selecionar e atingir objetivos através de algoritmos, sem que um ser humano tome a decisão final. Não é ciência fantasma: esses sistemas já existem e a comunidade internacional não tem ainda uma normativa vinculante. Os Stop Killer Robots, que reúne 270 organizações no mundo, pede aos governos um tratado internacional, ainda em 2026.

Somente seis dias após a assinatura do CIID, o Papa Leão XIV publicou

a sua primeira encíclica, Magnífica Humanitas, chamando todos a vigiar para que o desenvolvimento da inteligência artificial não seja subtraído do controle humano. “A responsabilidade moral de decidir sobre a vida de um ser humano não pode e não deve nunca ser delegada a um algoritmo.” (Alessandra Viscovi, Secretária-Geral da CIID). No âmbito global, o Investor Statement já foi assinado por 60 investidores institucionais internacionais, entre os quais a Província Euro-

Mediterrânea dos Jesuítas.

Esta adesão faz parte de um caminho de investimento responsável que a Província assumiu a alguns anos, em cumprimento das decisões da Congregação, na convicção que gere o patrimônio com consciência e seja um ato de fidelidade ao Evangelho. Convidamos todas as Irmãs a conhecerem a iniciativa Stop Killer Robots, a compartilhá-la em suas redes sociais, a fazer dela motivo de reflexão e oração e a tomar posições através dos investimentos institucionais.

NOVAS SANTAS

Ir^a Maria Elisa

Ir^a Hildegard Doods

Ir^a Agathe Liebrand

Ir^a Maria Erica Caimi

Ir^a Rose Amélie Foresti

Ir^a Lydia Goetz

Ir^a Marian Kalamparambil

Ir^a Jesuina Maria Fassini

89 Itália 27.06.2026

87 Dinamarca 11.07.2026

94 Noruega 12.07.2026

107 Brasil 14.07.2026

96 Brasil 03.08.2026

93 Dinamarca 08.08.2026

89 Nirmala 11.08.2026

97 Brasil 19.08.2026

FILTRANDO NOSSAS PALAVRAS EM UM MUNDO BARULHENTO

Ir^a Laveena D'Souza, CSJ

Tanmaya/Índia



Na era das mensagens instantâneas, das reações emocionais e da sobrecarga digital, a comunicação cotidiana torna-se cada vez mais vulnerável a distorções. A demanda por “filtros de comunicação” surge como uma resposta vital — não para restringir o diálogo, mas para purificá-lo.

A comunicação atual é moldada por inúmeras influências. Diferenças culturais, estados emocionais, barreiras linguísticas, vieses pessoais, estereótipos e até mesmo interferências físicas, como ruído ou conexões de internet instáveis, podem alterar o sentido de uma mensagem. Esses filtros

invisíveis frequentemente levam a mal-entendidos, conflitos e fragmentação. O chamado para filtrar a comunicação ressoa profundamente com o carisma da comunhão, que enfatiza a unidade, a reconciliação e a transmissão do amor de Deus por meio dos encontros cotidianos. Nessa perspectiva, a comunicação não é apenas uma troca de informações, mas um ato sagrado que constrói pontes, cura divisões e fortalece os laços que mantêm as comunidades unidas.

Esse chamado ecoa o ensinamento do Papa Francisco que, ao longo de seu pontificado, alertou

constantemente contra a fofoca, as “fake News” e a manipulação da comunicação. Em suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações, ele convidou as pessoas a “escutar com o coração”, a buscar a verdade com paciência e a usar palavras que promovam o encontro, em vez da hostilidade.

O Papa Leão XIV também enfatiza que a comunicação deve estar fundamentada na integridade, ser guiada pelo discernimento e sempre orientada para a construção da comunhão. Ele apela a uma “cultura de linguagem purificada”, na qual os indivíduos filtrem a raiva, o



preconceito e a precipitação, permitindo que a verdade e a caridade moldem as suas palavras.

Filtrar a comunicação significa fazer uma pausa antes de reagir, verificar os fatos antes de compartilhar e ouvir com atenção antes de tirar conclusões. Significa escolher expressões que promovam a unidade em vez da divisão. Assim como a água precisa de purificação para ser segura, a comunicação exige discernimento para

permanecer verdadeira, respeitosa e promotora de vida.

Medidas práticas incluem escuta ativa, empatia, sensibilidade cultural e expressão clara, livre de jargões ou ambiguidades. O feedback regular ajuda a evitar que pequenos mal-entendidos se transformem em conflitos maiores. O desenvolvimento pessoal — por meio de formação, leitura ou treinamento — fortalece as habilidades de comunicação

ao longo do tempo.

Em um mundo onde mensagens podem ser amplificadas em segundos e emoções podem escalar com a mesma rapidez, o chamado é simples, porém profundo: filtrar a comunicação com verdade, boa vontade e discernimento. Ao fazê-lo, honramos a vocação mais profunda da comunhão, nutrindo relacionamentos que refletem unidade, respeito e a dignidade de cada pessoa que encontramos.

COMUNICAÇÃO COMO MISSÃO EVANGELIZADORA

Ir^a Eliana Aparecida dos Santos CSJ

Brasil



Mais de 1.500 agentes da Pastoral da Comunicação (PASCOM), vindos de todas as regiões do Brasil, participaram do 9º Encontro Nacional da PASCOM, realizado de 24 a 26 de julho de 2026, em Aparecida (SP). Promovido pela PASCOM Brasil e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o encontro teve como tema “Evangelificação em Movimento: a dimensão pastoral da comunicação”, reunindo palestras, oficinas e momentos de espiritualidade para refletir sobre os desafios e as possibilidades da comunicação na missão da Igreja.

A programação destacou que comunicar, para a Igreja, vai muito além do domínio das tecnologias





e das redes sociais. Inspirada em Jesus Cristo, reconhecido como o grande comunicador, a comunicação nasce do encontro, do testemunho, da escuta e da proximidade com as pessoas. Foi reforçado que a Pastoral da Comunicação deve estar a serviço da comunhão, da evangelização e da construção de relações humanas mais fraternas.

Entre os conferencistas, o prefeito do Dicastério para a Comunicação, Paolo Ruffino, refletiu sobre a necessidade de uma comunicação fundamentada na verdade, no amor e na responsabilidade diante dos desafios da cultura digital e da inteligência artificial. Destacou que as tecnologias oferecem oportunidades importantes, mas jamais substituem a capacidade humana de criar vínculos, cultivar a confiança e promover encontros

autênticos. A comunicação cristã não pode se transformar em autopromoção ou marketing, mas deve permanecer fiel ao Evangelho e à missão da Igreja.

Os participantes foram convidados a compreender o mundo digital como um verdadeiro espaço de evangelização, sem perder de vista que a identidade do comunicador nasce da vivência eclesial. Evangelizar nas redes exige espiritualidade, discernimento, fidelidade à mensagem de Cristo e presença junto às comunidades. O digital é um instrumento a serviço da missão, nunca seu centro.

A crise climática também esteve presente nas reflexões, reforçando o compromisso da comunicação com a esperança ativa, a justiça socioambiental e a promoção da cultura

do cuidado. A Igreja foi apresentada como protagonista na construção de uma consciência ecológica que desperte responsabilidade, solidariedade e conversão diante dos desafios do mundo atual.

Uma das oficinas refletiu o conceito de PASCOM OnLife, que compreende o ambiente digital como parte da própria experiência humana. O encontro reforçou que comunicar é cuidar das pessoas, educar para a cidadania digital, favorecer o diálogo e formar comunidades capazes de viver a comunhão também nas redes.

Encerrando o encontro, a reflexão sobre a “gestualidade do encontro” recordou que a maior crise do nosso tempo não é tecnológica, mas relacional. Inspirados no modo de Jesus comunicar, os participantes foram convidados a cultivar uma comunicação marcada pela presença, pela escuta e pelo cuidado. Mais do que produzir conteúdos ou buscar métricas, a missão da PASCOM é promover encontros que conduzam à experiência de Deus e fortaleçam a vida das comunidades. Afinal, como foi recordado durante o evento, Jesus não promovia engajamento; promovia conversão.

LIDERANÇA SERVIDORA: UM CAMINHO DE CUIDADO, CONSCIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Ir^a Ignes Cristina Malinoski, CSJ

Brasil



Em um contexto marcado por rápidas transformações e novos desafios para a missão, o Encontro Formativo das Irmãs até 60 anos, realizado de 17 a 19 de julho de 2026, em Itu (SP), refletiu sobre o tema “Liderança Profética e Servidora”, propondo uma compreensão da liderança inspirada em Jesus, cuja autoridade se manifesta no serviço, no cuidado e na promoção da vida.

A formação destacou que a liderança servidora não nasce do desejo de exercer poder, mas da disposição de colocar os dons a serviço da missão e das pessoas. Trata-se de uma atitude interior que pode ser desenvolvida ao longo da vida, independentemente de cargos

ou funções. Liderar é assumir responsabilidade pelo bem comum, cultivar a criatividade, fortalecer vínculos e despertar o protagonismo de cada pessoa.

A assessora Ana Reis ressaltou que ninguém cuida verdadeiramente do outro sem antes aprender

a cuidar de si. Por isso, o autoconhecimento, o equilíbrio emocional e o reconhecimento dos próprios limites são condições essenciais para uma liderança saudável. Quem acolhe suas fragilidades torna-se mais capaz de estabelecer relações humanizadoras e de favorecer o crescimento das





comunidades.

Outro ponto importante foi a reflexão sobre as experiências de sofrimento, perdas e relações abusivas, que podem comprometer a capacidade de liderar. Fortalecer a liderança significa também criar espaços de restauração, onde seja possível ressignificar a própria história, recuperar a liberdade interior e renovar a disposição para servir.

Inspirada no Evangelho da cura do paralítico, a formação recordou que o líder é chamado a “abrir telhados”, removendo obstáculos, exigências desumanas e estruturas que impedem o florescimento das pessoas. Liderar é criar condições para que cada um descubra seus

dons, levante-se e caminhe com autonomia e esperança.

A escuta apareceu como um dos pilares da liderança servidora. Ouvir antes de decidir, compreender antes de julgar e acolher antes de responder fortalece a confiança, gera corresponsabilidade e transforma as comunidades em espaços de comunhão. Assim, a liderança deixa de estar centrada apenas em resultados para promover relações saudáveis, sustentadas pela ternura, pelo cuidado e pelo compromisso mútuo.

A formação também desconstruiu mitos sobre liderança, mostrando que ela não depende de personalidade forte, influência ou poder institucional, mas de uma

disposição permanente para aprender, discernir e caminhar com os outros. Na perspectiva cristã, seu fundamento está nas atitudes de Jesus: amar, servir, partilhar e promover a dignidade de cada pessoa.

Ao final do encontro, ficou evidente que a liderança servidora é um caminho de transformação pessoal e comunitária. Ela nasce do cuidado consigo mesma, fortalece-se nos vínculos fraternos e manifesta-se no compromisso com a missão. Mais do que conduzir processos, o verdadeiro líder inspira esperança, desperta o potencial das pessoas e testemunha, com a própria vida, que a verdadeira autoridade se expressa no amor que serve e faz crescer.

COCKROACH JANATA PARTY: MOVIMENTO VIRAL DA JUVENTUDE DA ÍNDIA

Ir^a Navya Neelamvilail, CSJ

Pachmarhi/Índia



O Cockroach Janata Party (CJP) — sendo “Janata” uma palavra que significa “povo” — começou como um movimento político satírico liderado por jovens, surgido nas redes sociais em maio de 2026 e fundado por Abhijeet Dipke. A inspiração para o

Cockroach Janata Party/ Festa do Povo Barata surgiu de um comentário feito em um tribunal no dia 15 de maio de 2026.

Durante uma audiência, o ministro Surya Kant declarou: “Há jovens que são como baratas, que não conseguem emprego

nem lugar em nenhuma profissão.” A declaração viralizou e muitos jovens indianos se sentiram insultados, especialmente em um momento em que o desemprego, o vazamento de provas de concursos e a alta do custo de vida já geravam frustração.





Logo no dia seguinte, Abhijeet Dipke lançou o Cockroach Janata Party online com o slogan: “A voz dos preguiçosos e desempregados”. O movimento se espalhou pelo Instagram, X e YouTube quase instantaneamente. A rápida ascensão do Cockroach Janata Party surpreendeu a todos. Em poucos dias, milhões de pessoas passaram a seguir a página no Instagram, milhares se inscreveram como membros, memes e vídeos de paródia inundaram as redes sociais e influenciadores políticos começaram a discutir o movimento.

Os jovens ressignificaram o rótulo ofensivo que havia sido usado contra eles. Em vez de se deixarem

desanimar, transformaram-no em um símbolo de resiliência, unidade e resistência. Por meio de redes sociais, manifestações pacíficas, greves de fome e marchas por todo o país, os estudantes mobilizaram um apoio público sem precedentes.

Durante a pacífica Marcha das “Baratas” em direção ao Parlamento, realizada em 20 de julho, a polícia recorreu à violência na tentativa de impedir o ato. Imagens de estudantes sendo alvo de ações policiais enquanto marchavam pacificamente disseminaram-se rapidamente pelas redes sociais, fortalecendo o apoio público ao movimento. Os jovens não se deixaram intimidar pela brutalidade policial.

Quando a polícia desmontou o local do protesto, eles o reconstruíram e retornaram em número ainda maior, atraindo apoiadores de toda a Índia. Apesar dos obstáculos, persistiram no protesto e mantiveram-se firmes em suas reivindicações até 25 de julho de 2026, quando o governo aceitou várias das demandas e prometeu reformas mais amplas. Analistas políticos descrevem o episódio como uma das vitórias mais significativas de um movimento liderado por jovens na Índia nos últimos anos. Resta saber se as reformas prometidas serão implementadas, mas o movimento já demonstrou o poder da ação cívica organizada e pacífica na maior democracia do mundo.

A barata é apenas um símbolo; a verdadeira história é a crescente frustração da juventude indiana em relação a empregos, educação e à responsabilidade do governo. A metáfora da “barata” reflete a natureza resiliente e descentralizada desse grupo, o que torna difícil reprimi-lo. O movimento demonstrou o poder do ativismo da Geração Z na Índia, alcançando o que partidos de oposição tradicionais tiveram dificuldade em conquistar: forçar concessões governamentais significativas.

EM COMUNHÃO COM OS BARATAS

Ir^a Navya Neelamvilail, CSJ

Pachmarhi/Índia



Em 22 de junho de 2026, eu estava no aeroporto de volta para casa com escala em Délhi e tinha entre três e quatro horas de intervalo entre os voos. De repente, ocorreu-me que Jantar Mantar — o local do protesto estudantil do “Cockroach Janata” — ficava a apenas 14 quilômetros do aeroporto. Era o terceiro dia do protesto. Sem pensar duas vezes, peguei um táxi, coloquei minha mala de rodinhas ao meu lado e fui para lá. Eram 9 horas da manhã. Eu queria ver aqueles jovens “Baratas” e parabenizá-los por essa iniciativa ousada de mudar o sistema educacional.

Tendo acompanhado o movimento online, dia após dia, desde maio de 2026, eu queria testemunhar pessoalmente como esses jovens levavam adiante o seu

protesto de forma pacífica. Mais do que tudo, eu queria conhecer Abhijeet Dipke, o fundador do movimento, parabenizá-lo por sua coragem e perseverança e agradecê-lo por inspirar milhares de jovens a acreditar que a ação democrática pacífica pode promover mudanças.

Ao chegar a Jantar Mantar, vi policiais por toda parte. Sem medo ou hesitação, segui em frente, passei minha bolsa pela inspeção e dirigi-me ao palco onde Abhijeet Dipke estava sentado. Pedi a um jovem, Kunal, que me ajudasse a encontrar Abhijeet. Enquanto



Kunal, que entrevistou Ir^a Navya

esperávamos a multidão ao redor de Abhijeet se dispersar, Kunal me entrevistou sobre minha visão do movimento do Cockroach Janata Party e minha experiência com o sistema educacional da Índia.

O que vi em Abhijeet foi nada menos que um profeta dos nossos tempos — um jovem que permanecia destemido no olho do furacão, enfrentando com ousadia a polícia, os profissionais da mídia e os curiosos que haviam ido ali apenas em busca de manchetes, mas que pouco se importavam com a alma do movimento em si. Havia um fogo sereno em seu olhar, uma determinação inabalável que nenhuma câmera conseguia captar plenamente e que nenhuma autoridade conseguia extinguir facilmente.

Quando finalmente apertei a mão de Abhijeet, senti o peso de tudo o que ele carregava — não apenas

por si mesmo, mas por toda uma geração. Desejei-lhe as bênçãos de Deus, segurei sua mão por um instante a mais do que exigiria uma saudação casual e disse-lhe que ele não estava sozinho. Naquele breve encontro, eu queria que ele soubesse que as lutas daqueles jovens haviam tocado corações muito além de Jantar Mantar e despertado a consciência daqueles que ainda ousavam ter esperança em uma Índia melhor.

Eu também esperava encontrar Sonam Wangchuk, cujo apoio ao movimento havia incentivado muitos jovens. Infelizmente, soube que ele já havia partido para um compromisso internacional e só retornaria ao local do protesto em dois dias. Fiquei decepcionada por não encontrá-lo, mas grata pela oportunidade de conhecer Abhijeet e os outros jovens manifestantes

presentes naquela manhã. O comprometimento deles com a causa era evidente, e estava claro que o movimento ia muito além de qualquer indivíduo isolado.

Não houve nada de especial em minha visita. Eu era simplesmente mais uma cidadã entre jovens que acreditavam na justiça. Parabenizei-os, desejei-lhes força e manifestei minha solidariedade. Eram jovens comuns, mas seu compromisso com a reforma do sistema educacional da Índia era extraordinário.

Ao deixar Jantar Mantar e retornar ao aeroporto com minha mala, levava comigo algo muito mais valioso do que aquilo que havia trazido. Levava esperança — a esperança de que, quando os jovens se recusam a desistir e quando cidadãos comuns escolhem apoiá-los, uma mudança significativa ainda é possível.

EDIÇÃO

Ir^a Barbara Bozak
Ir^a Eliana Aparecida dos Santos
Ir^a Leni Menegat

PROJETO GRÁFICO

Ir^a Laveena D'Souza

TRADUÇÕES

Anette Jensen
Ir^a Cristina Gavazzi
Ir^a Margherita Corsino
Ir^a Maria Elisabete Reis
Ir^a Christiane Roger
Ir^a Preeti Hulas
Ir^a Ivani Maria Gandini

DISTRIBUIÇÃO

Monica Bianchini
www.csjchambery.org

E - MAIL

icc@csjchambery.org